

Breve Panorama do Jovem no Mercado de Trabalho Brasileiro

Autor: Bruno Ranieri
1º Semestre/2012

Roteiro de Atividades Didáticas

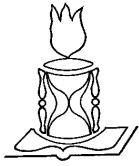
- Atividade 1 – Caracterização da população brasileira e participação do jovem no mercado de trabalho.
- Atividade 2 – A rotina de uma jovem trabalhadora da periferia
- Atividade 3 – A resistência dos jovens trabalhadores: o exemplo francês

Atividade 1 – Caracterização da população brasileira e participação do jovem no mercado de trabalho.

Objetivo: Ao analisarmos dados recentes de emprego e desemprego no Brasil, notamos uma clara diminuição das taxas de desocupação na última década ao mesmo tempo em que vemos um aumento do percentual de empregos tanto formais quanto informais. No entanto, as taxas de desemprego juvenis ainda são quase três vezes maiores que as taxas da população adulta. Desse percentual, 51% dos desempregados brasileiros, segundo dados do IBGE (2008), constituem-se de jovens entre 16 e 29 anos de idade. Em função disso, o objetivo da presente atividade é analisar o perfil da população brasileira e da sua juventude, e os níveis de desemprego desse segmento através de gráficos e tabelas.

Previsão de desenvolvimento: 03 aulas, cada uma com 45 minutos.

Recursos necessários: Retroprojeter ou data show.

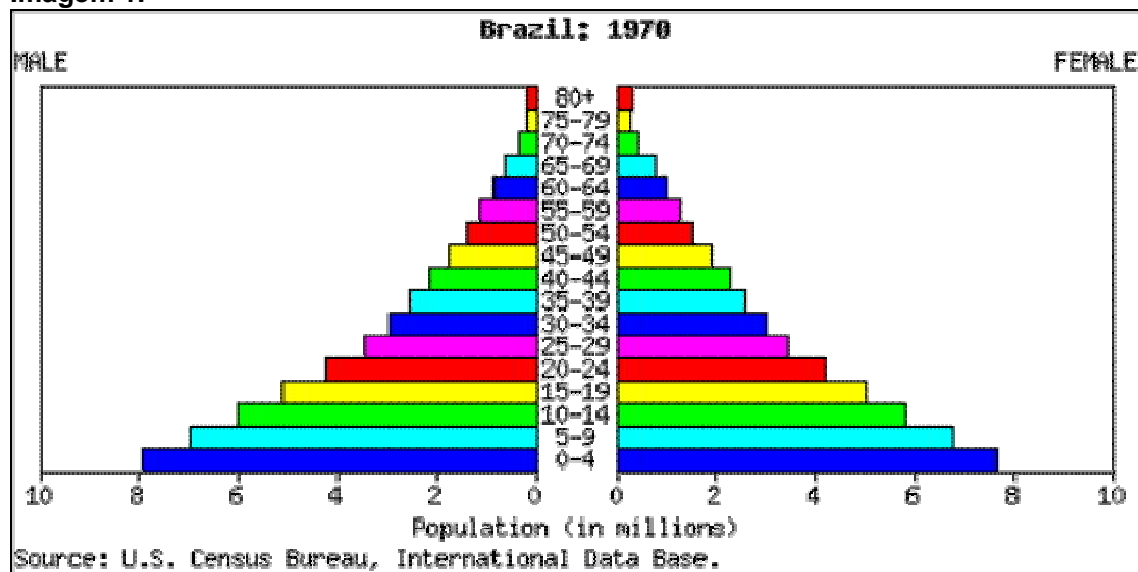


Aula 1

Dinâmica utilizada:

Em primeiro lugar, demonstrar ao aluno uma pirâmide etária e como interpretá-la. Em segundo, apresentar um breve quadro a respeito do tamanho da população brasileira e apontar para o fato de que a população jovem, de 15 a 29 anos, é a fatia mais expressiva da população. Além disso, vale à pena discutir a mudança na base da pirâmide desde os anos 1970 até uma projeção para o ano de 2025.

Imagem 1.



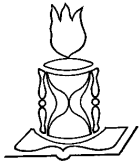


Imagem 2.

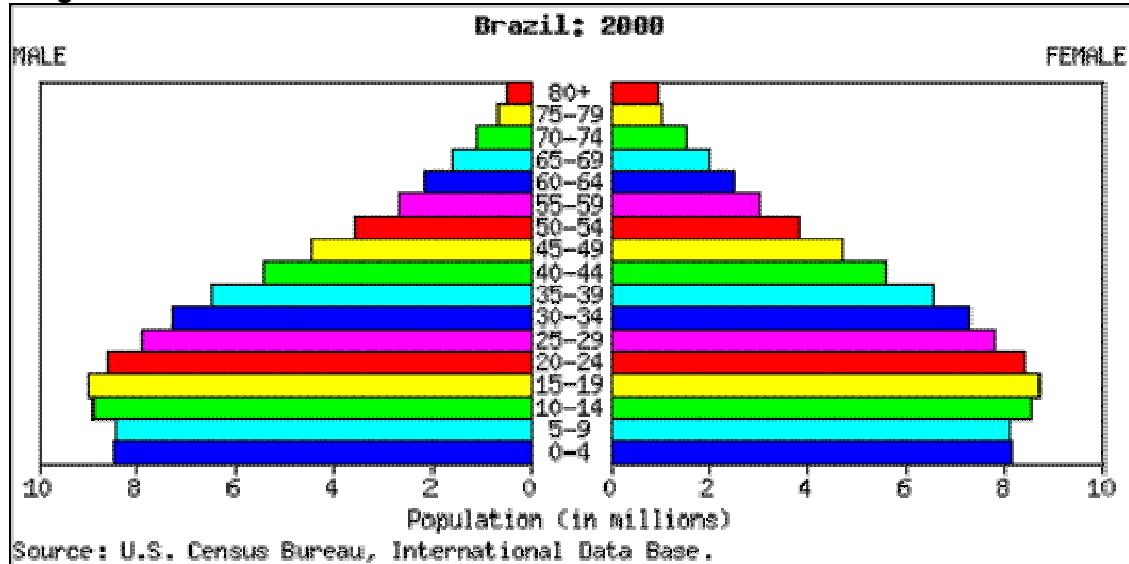
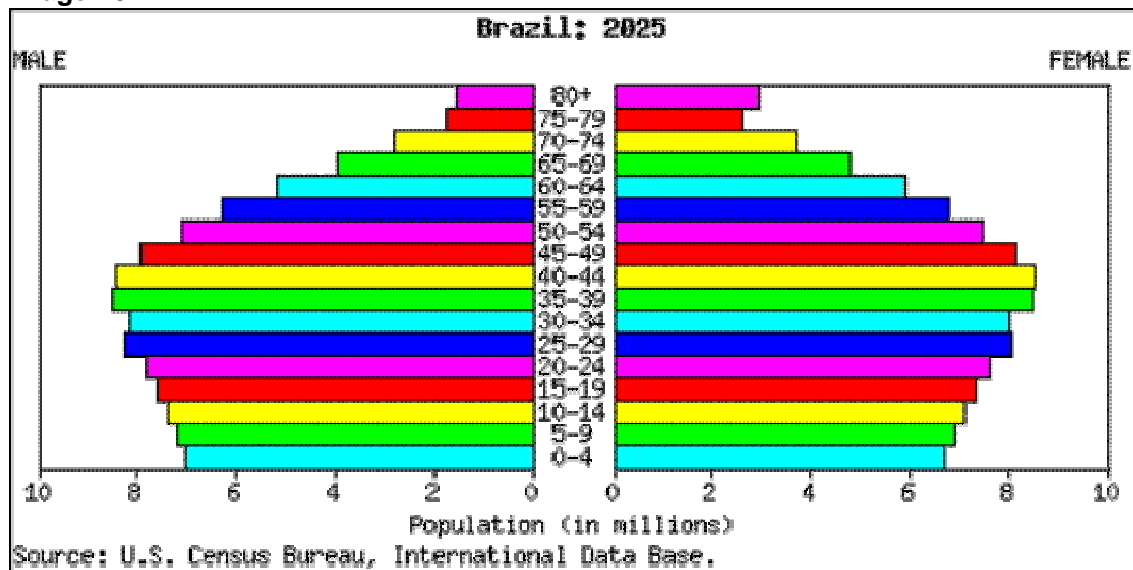


Imagem3.



Fonte: OUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2006 .



Algumas questões:

- 1) O que significam os números compreendidos na linha e na coluna? Por que as pirâmides são divididas em dois? Qual período cada pirâmide está tratando?
- 2) O que podemos inferir a respeito da população brasileira no período entre 1970 e 2000?
- 3) Ao analisar a imagem 2, qual a porcentagem mais expressiva da população brasileira?
- 4) Em 2025 podemos dizer que a população brasileira envelhecerá?

Aula 2

Dinâmica utilizada:

Introduzir conceitos fundamentais como PIA e PEA e a sua diferenciação para, a partir disso, trabalhar com a interpretação dos gráficos e tabelas. Por fim, discutir o conteúdo das mesmas, ou seja, como a participação do jovem no mercado de trabalho vem progressivamente diminuindo em contraste com o aumento desse setor etário da população, em comparação com os anos 1970, como vimos no texto teórico.

Imagem 4.

População em idade de participar da atividade econômica. Brasil, 2004 e 2008.

Idades	População		variação %	
	2004	2008	4 anos	anual
15 a 24	26,3	23,4	-3,6	-0,9
25 a 54	55,3	56,1	9,5	2,3
55 e mais	18,4	20,5	20,1	4,7
15 e mais	100,0	100,0	8,0	1,9

Fonte: IBGE-PNADs 2004 e 2008.

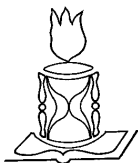


Imagem 5.

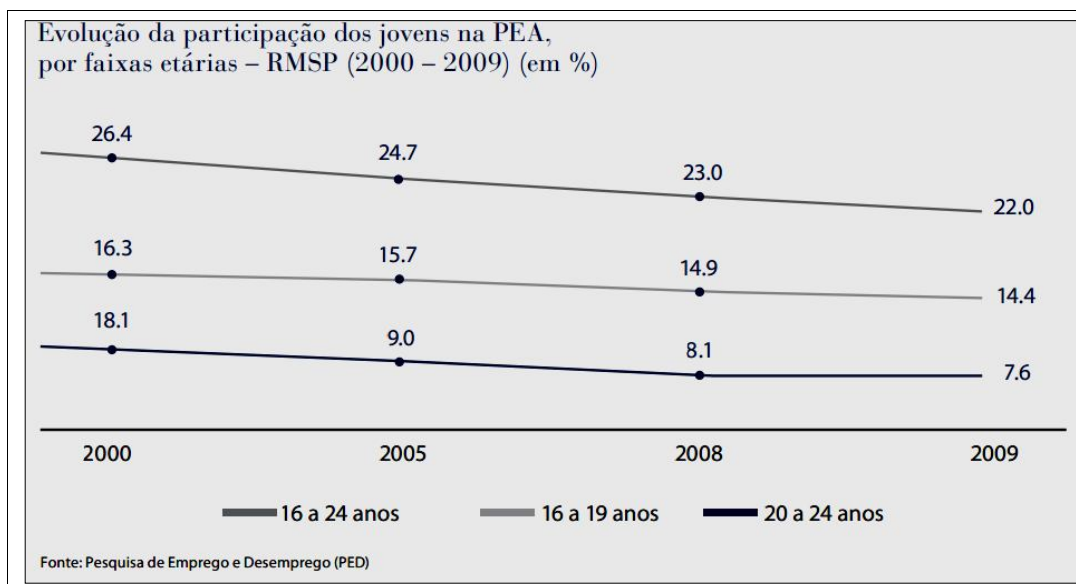
**Projeção da participação da PIA na população total, por faixa etária
Brasil – 1980-2050**

Anos	15-24 anos	25-44 anos	45-64 anos	15-64 anos
1980	21,11	24,57	12,07	57,75
1985	20,73	25,80	12,49	59,02
1990	19,53	27,89	12,89	60,31
1995	19,20	29,47	13,61	62,29
2000	19,74	30,14	14,90	64,78
2005	19,08	30,40	16,50	65,97
2010	17,09	30,70	18,57	66,36
2015	15,94	30,58	20,24	66,76
2020	15,82	29,99	21,40	67,21
2025	15,63	29,18	22,41	67,23
2030	14,92	28,17	23,51	66,60
2035	14,04	27,66	24,22	65,91
2040	13,43	27,48	24,47	65,38
2045	13,03	27,05	24,52	64,60
2050	12,62	26,34	24,39	63,34

Fonte: Oliveira, Albuquerque e Lins (outubro de 2004); IBGE. Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 – Revisão 2004.

Fonte: OLIVEIRA, J. e ALBUQUERQUE E LINS, F. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 1980-2050 – Revisão 2004. Rio de Janeiro, IBGE, outubro 2004.

Imagem 6.



* RMSP – Região Metropolitana de São Paulo



Texto de apoio:

População em Idade Ativa (PIA) é uma classificação etária que compreende o conjunto de todas as pessoas teoricamente aptas a exercer uma atividade econômica. No Brasil, a PIA é composta por toda população com 14 ou mais anos de idade e subdivide-se em População Economicamente Ativa e População não Economicamente Ativa.

População Economicamente Ativa (PEA): compreende o potencial de mão de obra com que pode contar o setor produtivo, isto é, a população ocupada e a população desocupada.

População Ocupada: aquelas pessoas que trabalham, incluindo:

Empregados - pessoas que trabalham para um empregador ou mais, cumprindo uma jornada de trabalho, recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro ou outra forma de pagamento (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre as pessoas empregadas aquelas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos. Os empregados são classificados segundo a existência ou não de carteira de trabalho assinada.

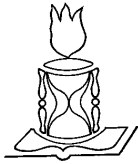
Conta Própria - aqueles que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício e não têm empregados.

Empregadores - aqueles que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com um ou mais empregados.

Não Remunerados - pessoas que exercem uma ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas na semana, ajudando a um membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou ajudando a instituições religiosas, beneficentes ou cooperativas, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

População Desocupada: pessoas que não têm trabalho, mas estão dispostas a trabalhar, e que, para isso, tomam alguma providência efetiva (consultando pessoas, jornais, etc.).

População não Economicamente Ativa (PNEA) ou População Economicamente Inativa (PEI): são as pessoas não classificadas como ocupadas ou desocupadas, ou seja, pessoas incapacitadas para o trabalho ou que desistiram de buscar trabalho, ou que não querem mesmo trabalhar. Inclui os incapacitados, os estudantes e as pessoas que cuidam de afazeres domésticos. Inclui também os "desalentados" - pessoas em idade ativa que já não



buscam trabalho, uma vez que já o fizeram e não obtiveram sucesso. O IBGE considera desalentado aquele que está desempregado e há mais de um mês não busca emprego. O conjunto de pessoas com menos de 10 anos de idade corresponde à População em Idade Economicamente Não-Ativa (PINA). Apesar da proibição legal, o trabalho infantil é considerado pelo IBGE para o cálculo da PEA, a partir de 10 anos de idade, por ser uma prática ainda explorada.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Popula%C3%A7%C3%A3o_em_idade_ativa#cite_note-1
(acessado em 06/06/2012)

Algumas questões:

- 1) O que significam as siglas PIA e PEA? Qual a sua diferença?
- 2) A partir das imagens acima, a participação do jovem no mercado de trabalho tem aumentado ou diminuído?
- 3) Dentre os alunos da sala de aula, quais deles trabalham? Quais procuraram emprego recentemente?
- 4) Qual é a visão do jovem a respeito do mercado de trabalho? Está difícil encontrar um emprego?

Aula 3

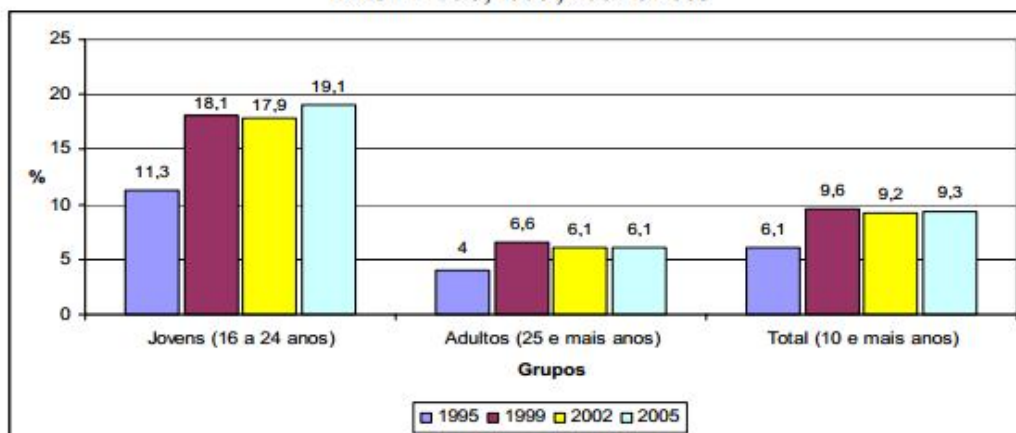
Dinâmica utilizada:

Ao identificar que a população jovem brasileira vem crescendo desde os anos 1970 e mesmo assim as taxas de participação na economia vêm diminuindo, podemos concluir que o desemprego juvenil seja alto. As tabelas a seguir demonstram isso. Também se pode perceber que na população jovem predominam trabalhos precários ou com remuneração mais baixa e que os rendimentos variam de acordo com o gênero e a cor da pele.



Imagem 7.

**Taxas de Desemprego Aberto para Jovens (16 a 24 anos),
Adultos (25 anos e mais) e Total (10 e mais anos)
Brasil - 1995, 1999, 2002 e 2005**



Fonte: PNAD/IBGE, 1995, 1999, 2002 e 2005

Imagem 8.

**Posição na ocupação – 1997 e 2007
(Em %)**

	Faixa etária	1997	2007
Trabalhador com carteira	15 a 29 anos	35,8	42,3
	15 a 17 anos	16,7	6,4
	18 a 24 anos	38,4	44,9
	25 a 29 anos	40,7	48,4
Trabalhador sem carteira	15 a 29 anos	31,6	31,5
	15 a 17 anos	45,3	56,0
	18 a 24 anos	33,0	32,8
	25 a 29 anos	23,5	23,5
Trabalhador por conta-própria	15 a 29 anos	13,2	11,4
	15 a 17 anos	6,4	7,5
	18 a 24 anos	11,4	9,6
	25 a 29 anos	18,7	14,7
Empregadores	15 a 29 anos	1,5	1,4
	15 a 17 anos	0,1	0,1
	18 a 24 anos	0,9	0,8
	25 a 29 anos	2,8	2,5
Não remunerados	15 a 29 anos	14,0	10,1
	15 a 17 anos	31,4	30,0
	18 a 24 anos	12,6	9,4
	25 a 29 anos	8,0	5,9
Servidor público	15 a 29 anos	3,9	3,2
	15 a 17 anos	0,0	0,0
	18 a 24 anos	3,5	2,4
	25 a 29 anos	6,2	5,0

Fonte: Pnad/IBGE.

Elaboração: Diretoria de Estudos Sociais do Ipea (Disoc/Ipea).



Imagem 9.

Rendimentos médios reais recebidos no mês pelo trabalho principal, segundo sexo, faixa etária, e raça/cor – 1997 e 2007

(Em R\$ de agosto 2007)¹

Faixa etária	1997	2007
Homens/mulheres		
15 a 17 anos	263,33	264,31
18 a 24 anos	529,24	521,88
25 a 29 anos	818,30	766,53
Homens		
15 a 17 anos	281,27	283,34
18 a 24 anos	569,71	555,52
25 a 29 anos	905,05	832,41
Mulheres		
15 a 17 anos	233,93	233,46
18 a 24 anos	464,39	471,97
25 a 29 anos	676,36	674,49
Branca		
15 a 17 anos	308,48	301,61
18 a 24 anos	643,78	616,20
25 a 29 anos	1.028,92	953,24
Negra		
15 a 17 anos	224,49	237,51
25 a 24 anos	414,32	444,96
25 a 29 anos	589,96	607,69

Fonte: Pnad/IBGE.

Matérias de jornais sobre desemprego juvenil: (acessados em 06/06/2012)

- 1) 20/05/2008. Desemprego entre jovens é três vezes maior do que entre adultos.
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u403567.shtml>>
- 2) 02/07/2009. Desemprego entre jovens cresceu 51%.
<http://www.educacionista.org.br/ornal/index.php?option=com_content&task=view&id=3349&Itemid=39>
- 3) 16/02/2011. Salário baixo afasta jovens do mercado de trabalho.
<<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,salario-baixo-afasta-jovens-do-mercado-de-trabalho,55302,0.htm>>
- 4) 26/05/2011. Desemprego entre jovens de 18 a 24 anos sobe para 15%
<<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2011/05/26/desemprego-entre-jovens-de-18-24-anos-sobe-para-15-382681.asp>>
- 5) 22/05/2012. Desemprego entre jovens é de quase 13% e deve continuar até 2016
<<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/1093882-desemprego-entre-jovens-e-de-quase-13-e-deve-continuar-ate-2016.shtml>>



Algumas questões:

- 1) Se a população jovem é a maior em comparação às demais, por que a participação do jovem na PEA vem diminuindo?
- 2) Segundo a imagem 8, quem sofre mais com o trabalho precarizado? Por quê?
- 3) Na hora de obter um emprego, existem diferenças de remuneração entre mulheres e homens e entre brancos e negros?

Atividade 2 – A rotina de uma jovem trabalhadora da periferia

Objetivo: Através de um diário publicado na Revista Piauí (numero 32) sobre a rotina de uma jovem paulistana da periferia, o objetivo desta atividade é expor a realidade de uma jovem e suas dificuldades de conciliar estudo, primeiro emprego (precário) e o sonho por outra profissão e compará-la a tantos outros jovens que vivem a mesma realidade.

Previsão de desenvolvimento: 01 aula de 45 minutos

Recursos necessários: Retroprojektor ou data show.

“Ter 18 anos na cidade grande”. Por Bárbara Pina. Revista Piauí. São Paulo, Edição 32, maio de 2009. <extraído de <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-32/diario/ter-18-anos-na-cidade-grande>, acessado em 07/06/2012>.

Sugestão de excertos:

“(...) Levanto, pego minha mochila e cruzo o rio Tietê; metade do caminho ficou pra trás. Entrei mais cedo no trabalho, me pediram pra fazer hora extra e eu aceitei sem pensar. Só me dei conta hoje, ao acordar, da grande furada em que me meti...”

“Trabalho numa central de atendimento ao cliente de tevê por assinatura. Em vez das cinco horas e quarenta minutos diárias, hoje o expediente durou sete horas e quarenta minutos, e foi terrivelmente cansativo. Terminei o dia não suportando mais ouvir minha voz. Estou quase rouca. Não consigo mais cantar, logo eu que vivo cantarolando. Quanto eu ganho para estropiar desta forma minhas cordas vocais? Quinze reais: é isso que eu ganho por dia. Hoje ganhei 5 reais a mais pelas duas horas extras.(...)”

“(...) Quero ser artista plástica. O call center é meu primeiro emprego com carteira assinada. Antes dele fiz estágios e bicos, nada que tenha durado mais do que dois meses. Percebo que em toda entrevista de trabalho, quando questionada sobre "planos futuros/interesses profissionais", ao responder que quero ser artista plástica, é ali que eu perco a vaga. Não se dá oportunidade a quem não está interessado em seguir carreira na profissão X ou Y. (...)”



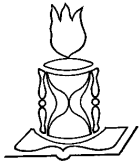
“(...) Ando muito cansada no cursinho e com muito sono. Não consigo me concentrar direito. Cada dia está pior e já penso em fazer um curso técnico. Olheiras, bocejos e muita dispersão. Só que eu não posso parar a essa altura do campeonato, quero entrar em uma universidade pública, ou conseguir uma bolsa de estudos em uma boa faculdade. Mas sei que esse ano vai ser difícil de conseguir. Hoje, por exemplo, nem fui. Resolvi passar a manhã no Sesc Pompéia. Agora que eu fiz a carteirinha posso pegar livro emprestado, pagar mais barato por shows e peças de teatro e pelo almoço também. Sou fascinada por aquele prédio e pela ousadia criativa de Lina Bo Bardi (...)”

“ Estou pensando seriamente em dar um tempo antes de encarar uma faculdade. Pensei em design de interiores como curso técnico, acho que tem bastante a ver comigo e me daria uma boa base, já que decoração e arte podem se completar. Se eu depois conseguir um emprego na área, ele seria certamente mais prazeroso do que o call center. Gosto de pesquisar sobre a arte, de fazer ligações entre o que já passou e o que está vindo, de escrever sobre ela, de criar, de pôr a mão na massa. Me vejo uma futura artista plástica voltada para o dia-a-dia. Gosto da arte de rua, vivo imaginando possibilidades de me inserir de uma forma diferente nela.(...)”

“(...) Só almoço fora do call center quando esqueço a marmitta que preparo em casa com a janta do dia anterior. Hoje ultrapassei o meu horário de lanche, que é de vinte minutos. Tenho dois intervalos de dez minutos e um de vinte. Fui almoçar por volta das cinco da tarde, mas a cozinha estava cheia, não tinha onde sentar nem espaço livre para usar o microondas. Resolvi então subir para o andar de cima, onde também tem um refeitório. Com isso, eu perdi cinco minutos. Minha supervisora me chamou a atenção, na volta. Comer em vinte minutos pra mim é horrível, pois não sei comer depressa. Às vezes volto para a minha PA (Posição de Atendimento, ou para o meu escritório, que é como eu chamo a minha mesa de trabalho) ainda com comida na boca. Atendo a ligação e aperto a tecla mute até engolir e poder falar.

Desde a entrada em vigor das novas leis da Anatel, as pessoas ficaram mais exigentes com o atendimento. Estão no direito delas. O operador na maioria das vezes é que acaba em apuros. Como atender uma pessoa, verificar o cadastro, anotar a solicitação e fazer o procedimento sem deixar o cliente esperar menos de um minuto? Tem cliente que xinga, esperneia, mas não adianta, vai ter de aguardar igual a todo mundo. Eu mesma aprendi a ser paciente depois que comecei a trabalhar no atendimento. Sempre estive do lado de lá do balcão e quando você troca de lado a coisa muda. Você passa a entender que a demora não é proposital, que a pessoa trabalha ouvindo, falando e digitando ao mesmo tempo, num ambiente cercado de barulho e de gente falando, passando, gritando o tempo todo. Se cada cliente escandaloso passasse um dia do lado de cá, só um dia, repensaria seu modo de tratar o atendente.(...)”

“(...) Estou desanimada: hoje saiu a escala de folga no serviço e eu vou trabalhar em mais um feriado. Nas sextas, sábados, domingos e feriados a central funciona com 80% do efetivo. Nunca consegui folgar um feriado. Quem escolhe os sortudos são os supervisores. Para piorar as coisas, peguei uma gripe horrível e respirar esse ar-condicionado não ajuda. Trabalhei a tarde toda com o nariz escorrendo, rouca, com



dor de cabeça e no corpo todo, com raiva de ter de trabalhar no feriado. No Carnaval foi a mesma coisa. Da próxima vez, ou eu folgo ou eu falto.

Na volta para casa, o 967A estava cheio, acho que é porque peguei mais cedo. Lá pelas tantas entrou um mendigo ouvindo um radinho de pilha e cantando. O cara estava alegre à beça, nem ligava para quem o olhava. Cantava todas as músicas com o rádio sintonizado na Gazeta fm. Cantava com verdade, com vontade. Como esta cidade é louca! E como eu gosto daqui. Eu ando sozinha pelas ruas de São Paulo desde os 12 anos, conheço esta cidade como o quintal de casa, e quanto mais eu a conheço, mais me espanto e mais a admiro. (...)"

Algumas questões:

- 1) De que forma os depoimentos acima demonstram a realidade cotidiana do jovem brasileiro morador da periferia?
- 2) Você reconhece alguma semelhança no discurso de Bárbara com a sua vida ou de algum amigo seu?
- 3) Por que Bárbara demorou em arrumar um emprego? Hoje em dia, qual a principal dificuldade em arrumar um primeiro emprego?
- 4) Bárbara trabalha em um *Call Center*, mas gostaria de ser artista plástica. Em sua opinião, este desejo por outro trabalho é comum entre os jovens brasileiros moradores da periferia?

Atividade 3 – A resistência de jovens trabalhadores: o exemplo francês

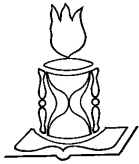
Objetivo: A partir do caso Francês de resistência a uma lei que precarizava as condições de trabalho entre os jovens, dialogar com os alunos a respeito do poder da mobilização e da participação política para a transformação da realidade brasileira. O recurso didático utilizado será a leitura de textos, reportagens e imagens da época.

Previsão de desenvolvimento: 01 aula de 45 minutos

Recursos necessários: Retroprojeter ou data show.

Contexto:

Em fevereiro de 2006, o presidente da França, Jacques Chirac, sancionou a Lei do Primeiro Emprego (*Contrat Premiere Embauché*, em francês ou CPE), aprovada pelo Parlamento francês e promovida pelo primeiro-ministro Dominique de Villepin, que prometia



reduzir o desemprego entre os jovens, facilitando sua contratação – na França em 2006 o desemprego entre os jovens chegava a 25%, o dobro da média nacional que era de 9,6%. No entanto, a lei possuía uma cláusula que permitia a demissão sem justa causa de empregados menores de 26 anos durante os dois primeiros anos.

O CPE na prática era um novo contrato de trabalho voltado para menores de 26 anos que oferecia um período de experiência de dois anos. Neste período, empregadores podiam cancelar o contrato sem oferecer explicações ou aviso. Para outros empregados, o período de experiência geralmente variava entre um e seis meses. O discurso do governo era de que a medida iria aumentar oportunidades para jovens trabalhadores, já que muitos deles conseguiam apenas contratos mais curtos de emprego.

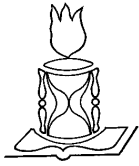
No entanto, os críticos da nova lei afirmavam que este contrato poderia tornar ainda mais difícil para os jovens conseguir um emprego permanente e poderia ser usada de forma imprópria por empresas maiores a fim de precarizar ainda mais o trabalho. O CPE era o primeiro passo para a mudança (eliminação) do Código de Trabalho, o início do fim da estabilidade no emprego.

Nesse sentido, estudantes e sindicalistas temendo que a nova lei gerasse exploração dos empregados, realizaram uma série de manifestações por toda a França, chegando, no auge, a levar mais de um milhão de franceses às ruas. Uma pesquisa de opinião publicada no jornal *Le Parisien* da época informava que 68% dos franceses queriam que o governo retirasse a lei.

Devido às fortes mobilizações, em especial dos jovens franceses, o governo, no início de abril, portanto dois meses após a aprovação da lei, recuava e anunciava a substituição do polêmico Contrato de Primeiro Emprego (CPE) por outra medida trabalhista que favorecia a inserção profissional dos jovens com o objetivo de acabar com a onda de protestos no país. Desta forma, o CPE, destinado aos menores de 26 anos, ficava anulado na prática.

Informações de apoio: (acessado em 11/06/2012)

- 1) 20/03/2006. Milhares protestam contra lei do primeiro emprego na França.
- 2) <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u94176.shtml>>
- 3) 24/03/2006. Entenda a polêmica sobre a nova lei trabalhista na França. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u51992.shtml>>
- 4) 28/03/2006. Protesto reúne 1 milhão na França contra lei do primeiro emprego. <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2006/03/28/ult27u54718.jhtm>>



- 5) 30/03/2006. Conselho aprova lei do primeiro emprego na França.
<<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI942219-EI294.00-Conselho+aprova+lei+do+primeiro+emprego+na+Franca.html>>
- 6) 10/04/2006. Chirac substitui polêmica lei trabalhista para os jovens.
<<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/04/10/ult34u151999.jhtm>>
- 7) 26/04/2006. França inaugura uma nova etapa política na Europa.
<http://www.galizacig.com/actualidade/200604/insrolux_franca_inaugura_etapa_politica_na_europa.htm>

Imagens de apoio:



Une manifestation contre le CPE (photo de mars 2006 à Marseille) | MAXPPP
Uma manifestação contra a CPE (foto de março de 2006 em Marseille, França)
Fonte: http://archives-lepost.huffingtonpost.fr/article/2010/10/06/2252858_la-lutte-contre-la-reforme-des-retraites-remake-du-cpe-rien-n-est-moins-sur.html
(acessado me 11/06/2012)



Paris. Manifestações em 18/03/2006

Fonte: <http://www.syti.net/CPE.html> (acessado em 11/06/2012)



Bordeaux. Manifestação em 16/03/2006 (jovens carregam uma faixa com os dizeres: "Retirada do Contrato do Primeiro Emprego. Não à precarização")

Fonte: <http://www.syti.net/CPE.html> (acessado em 11/06/2012)



Dinâmica utilizada:

A partir das atividades anteriores sobre o desemprego juvenil e as condições precárias de trabalho, apontar o caso francês como uma forma de resistência e questionar a força das mobilizações para transformar o quadro brasileiro.

Algumas questões:

- 1) Por que os jovens franceses foram às ruas para se manifestar em 2006?
- 2) Quais foram os resultados disso?
- 3) No caso do Brasil, o desemprego entre jovens é grande? Por quê?
- 4) De que forma a participação política direta pode reverter esse quadro?